

Uli Reich (Freie Universität Berlin):

`uli.reich@uni-koeln.de`

Cê que fez! Construções de foco em Português Brasileiro

Resumo: Esse artigo discute a relação entre semântica, sintaxe e fonologia em construções de foco do Português. Além disso, desenvolve-se a questão pela relação entre derivações sintáticas e processos de gramaticalização. A maior frequência de construções clivadas e pseudo-clivadas em português e outras línguas românicas do que em alemão é atribuída a propriedades fonológicas. Clivadas e pseudo-clivadas reduzidas se analisam como formas gramaticalizadas das formas plenas. Entre esses estágios de gramaticalização existe uma relação formal que corresponde a diferentes fases na derivação estrutural.

Palavras-chave: gramaticalização, construções clivadas e pseudo-clivadas

***Cê que fez!* Focus constructions in Brazilian Portuguese**

Abstract: This article discusses the relation between semantics, syntax and phonology in portuguese focus constructions. Further, the question about the relation between syntactic derivations and grammaticalization processes is developed. The higher frequency of cleft and pseudocleft-constructions is attributed to phonological properties of these languages. Reduced cleft and pseudocleft-constructions are analyzed as grammaticalized forms of the full forms. Between these stages of grammaticalization exists a formal relation that corresponds to different phases in structural derivation.

Introdução

Sempre há alguma coisa que falta nesse Portuguese Brasileiro (PB) – e a mera forma de dizer isso já revela a perspectiva que projeta essas “lacunas”: acreditamos que “há alguma coisa que falta” porque outras línguas ou variedades têm o que PB não tem. É assim com objetos nulos, frases nominais sem concordância interna e verbos sem concordância com seu

sujeito. É assim também com as construções que são o assunto desse artigo. Trata-se de construções como as seguintes:

- (1) a. comprou foi chocolate
- b. cê que fez!
- c. como que é?

Os padrões de outras línguas românicas¹ (e também do nosso curso de português) pedem formas “mais preenchidas” no lugar delas:

- (2) a. **o que** comprou foi chocolate
- b. **foi** você que(m) fez!
- c. como **é** que é?

Chamamos estruturas como (2a) *pseudo-clivadas* e formas análogas a (2b) *clivadas*. O fato de que as formas em (2) são muito mais difundidas nas línguas do mundo que as formas em (1) (cf. DRUBIG & SCHAFFAR 2001), parece corroborar nossa intuição que as formas em (1) são *derivadas* das formas em (2). *Derivadas* pode ter duas significações e nesse artigo eu procuro pesquisar a relação entre ambas. Por um lado, na teoria gerativa, *derivar* é o processo que gera estruturas superficiais a partir de estruturas consideradas mais básicas. Por outro lado, *derivar* também designa um processo de mudança pelo qual uma forma usada num determinado momento sincrônico muda para outra forma usada em outro momento. Muitas vezes, esse segundo processo mostra sintomas formais recorrentes que estão no centro da pesquisa em gramaticalização: podemos dizer, por exemplo, que os pronomes clíticos *derivam* de demonstrativos do latim, etc. Possivelmente, então, as estruturas em (1) derivam das estruturas em (2) nesse sentido: formas novas que emergiram do uso freqüente das formas antigas mais completas. Meu artigo visa desenvolver a pergunta teórica pela possibilidade de integrar os dois conceitos de *derivar*, ou seja, a pergunta se as fases da derivação sintática correspondem a estágios no processo de gramaticalização. A alternativa seria a independência formal das formas documentadas em (1) e (2).

Além dessa questão, quero tentar uma integração de fatos fonológicos na discussão de construções de foco. Há unanimidade geral na visão de que o meio de expressão mais

importante dessa categoria semântica é o acento frasal, mas é raro que na discussão sintática entrem argumentos fonológicos. A meu ver, somente uma perspectiva que tome em conta semântica, sintaxe e fonologia pode dar conta das formas em questão.

Mas vamos em partes. As duas estruturas se constroem com verbos cópula cujo complemento normalmente corresponde àquela parte da proposição semântica que está em *foco* e, antes de mais nada, temos que esclarecer esse conceito.

1. Estrutura informacional – as categorias *link* e *foco*

A estrutura informacional de um enunciado acomoda sua proposição ao discurso corrente sem influenciar as respectivas condições de verdade. Podemos denominar os princípios básicos no nível do discurso *ancoragem* e *diferença*: por um lado, enunciados têm que ser ancorados no decorrer do discurso para que possam ser processados pelo receptor; por outro lado, ele tem que estabelecer uma diferença em relação às suposições anteriores a ele, para não se tornar tautológico e, assim, não comunicar nenhuma informação. Ao nível dos enunciados lingüísticos, esses dois princípios discursivos se traduzem na estruturação da proposição em duas categorias principais, *link* e *foco*. A categoria informacional *link* estabelece uma relação referencial entre elementos do enunciado sob análise e referentes discursivos estabelecidos previamente, ou (i) por enunciados lingüísticos, ou (ii) por elementos e eventos situacionais, ou (iii) por conteúdos gerais do conhecimento e suas possibilidades de relações lógicas, implicaturas e *frames*. O *foco*, ao contrário, é aquela parte da proposição pela qual ela difere do conjunto das suposições em vigor no momento da enunciação².

Essas definições implicam que *links* podem prescindir de realizações lingüísticas, enquanto *focos* normalmente se expressam explicitamente na língua. Nesses casos, a proposição inteira da oração está no *foco* da estrutura informacional. Essa possibilidade se

realiza tipicamente em situações de fala espontânea, mas também no começo de discursos narrativos, sejam eles escritos ou orais:

(3) ³{No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente.}^{Foco}

Nessa oração, todas as informações verbalizadas diferem do conjunto de pressuposições em vigor nessa primeira oração do romance de Mário de Andrade sobre o herói sem nenhum caráter, se partimos do pressuposto que o leitor lê o livro pela primeira vez e que também não viu o filme: a oração estabelece o referente discursivo Macunaíma a quem ela atribui também algumas propriedades. A segunda oração já pode tomá-lo como dado no discurso e, assim, prescindir de uma realização lingüística do sujeito, o que equivale a um *link*:

(4) {Ø}^{LINK} {Era preto retinto e filho do medo da noite.}^{Foco}

Nesse caso, o único signo lingüístico que corresponde à categoria informacional *link* é o sujeito, interpretada numa perspectiva sintática como uma categoria vazia ligada à flexão verbal.

Esse primeiro trecho do famoso romance continua com uma expressão focal longa e uma construção de estrutura informacional complexa:

(5) Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. {Essa}^{Foco} {criança é que chamaram de Macunaíma.}^{LINK}

A palavra dêitica *essa* vincula a proposição da primeira oração com a informação dada na segunda, que difere do conjunto das suposições dadas por esse vínculo: no momento da enunciação da segunda oração, o leitor já sabe das condições do nascimento de uma criança feia e sabe também que uma criança tem o nome Macunaíma, mas o fato de que as duas crianças coincidem referencialmente não está explícito no contexto lingüístico.

A estruturação informacional de proposições é essencial a todos os enunciados e não uma técnica especial ou um caso particular. Muitas vezes, sobretudo em discursos monólogos bem planejados, o escopo do foco abrange a proposição inteira, como em (5). Na literatura especializada, esses casos são denominados de *foco sentencial* (ingl. *sentence-focus*,

LAMBRECHT 1994, 233-235) ou *todo-foco* (ingl. *all-focus*, VALLDUVÍ 1992, 51). Os casos mais discutidos, porém, são *focos argumentais* (ingl. *argument focus*, LAMBRECHT 1994, 228-233) sobre argumentos nominais, como em (6):

- (6) A: No fundo do mato-virgem nasceu Riobaldo.
B: Não, {quem nasceu no fundo do mato-virgem}^{LINK} foi {Macunaíma}^{FOCO}.

Esse tipo de foco muitas vezes ocorre em situações de diálogos espontâneos, nas quais os participantes negociam interativamente o conteúdo do discurso: corrigindo e ajustando as informações codificadas nas expressões lingüísticas.

A estrutura informacional não é linear e, por isso, não é problemático para nossas definições que haja elementos focais no meio de um *link*, caso esse que restringe a semântica de um referente dado: geralmente, esse processo seleciona um membro de uma classe para o qual um determinado predicado é válido, enquanto que para os outros membros dessa classe um outro predicado é válido:

- (7) A: Onde moram os filhos da índia tapamunhas?
B: {O filho}^{LINK} {preto retinto}^{FOCO} {mora}^{LINK} {em São Paulo}^{FOCO} e {o filho}^{LINK} {que chamaram de Iguê}^{FOCO} {mora}^{LINK} {no fundo do mato-virgem}^{FOCO}.

Exemplos como (7) mostram que pode haver vários focos informacionais em uma oração e que não só argumentos nominais do verbo podem ser focalizados, mas também constituintes menores encaixados em constituintes maiores que carregam informação dada, como a frase adjetiva e a oração relativa em (7) com os efeitos semânticos esboçados.

LAMBRECHT (1994, 226-228) distingue ainda o *foco predicativo* (ingl. *predicate focus*):

- (8) A: Macunaíma mora no fundo do mato-virgem.
B: Não, {no fundo do mato-virgem ele}^{LINK} {nasceu}^{FOCO}. (Hoje em dia, ele mora em São Paulo.)

Em português falado, e possivelmente em outras línguas, há ainda a possibilidade de uma construção que focaliza a semântica lexical do predicado e que, paralelamente, nega as implicaturas convencionais que essa semântica lexical normalmente desencadeia. Essa técnica, pois, cinde a semântica verbal (lexical/implicacional) e produz dois focos

correlacionados, um sobre a asserção da semântica lexical, ou seja, na flexão do verbo e outro sobre a negação explícita de suas implicaturas:

(9) A: Você leu Macunaíma?

B: {Ler}^{LINK} {eu li}^{FOCO-asserção-lex}, {mas eu não entendi}^{FOCO-negação-implicatura}.

Nesse caso, *entender* é uma implicatura convencional do verbo *ler*: a semântica lexical é afirmada, enquanto sua implicatura é explicitamente negada. Trata-se, pois, de um contraste parcial.

Estou consciente que essa pequena *tour de force* pelo universo da estrutura informacional não esgota as possibilidades de constelações pragmáticas entre semântica sentencial e discurso, mas deve dar uma idéia dos conceitos aqui empregues. Com isso, podemos passar das categorias pragmáticas universais da estrutura informacional às diferenças formais entre o português e outras línguas particulares no que diz respeito à sua expressão.

2. Sintaxe: relativas livres, complementadores focais, perguntas e elipses

O português apresenta um leque bastante diferenciado de construções sintáticas correlacionadas diretamente com a estrutura informacional. Em geral, trata-se de construções com verbos cópula, diferenciadas em *clivadas* e *pseudo-clivadas*. As clivadas se constroem com um pronome expletivo, que pode ficar vazio em *línguas pro-drop*, na função de sujeito, e com uma frase nominal no predicado que tipicamente se complementa com uma oração relativa. As pseudo-clivadas se constroem com uma construção-q na função de sujeito e uma frase nominal (10d), uma frase adjetiva (10e) ou inclusive uma frase verbal (10f) como predicado. No último caso, o verbo na construção-q é necessariamente um verbo cuja semântica lexical é relativamente vazia, do tipo *fazer, tun, do*, etc.

A tipologia em (10) para tipos de clivagem em português segue Mary Kato e seus colaboradores (KATO & al. 1996, KATO & RIBEIRO no prelo):

- | | |
|---|-------------------------------------|
| (10) a. A índia tapanhumas pariu uma criança feia. | oração básica/foco sentencial |
| b. Ø foi a índia tapanhumas que pariu uma criança feia. | estrutura clivada (expletivo vazio) |
| c. A índia tapanhumas Ø é/*foi que pariu uma criança feia. | estrutura clivada invertida |
| d. Quem pariu uma criança feia é/foi a índia tapanhumas
O que a índia tapanhumas pariu foi uma criança feia. | estrutura pseudo-clivada, pred=FN |
| e. O que a criança era é feia. | estrutura pseudo-clivada, pred=FA |
| f. O que a índia tapanhumas fez é/foi parir uma criança feia.
~ O que a índia tapanhumas fez é/foi que ela pariu uma criança feia. | estrutura pseudo-clivada, pred=FV |
| g. A índia tapanhumas é/foi quem pariu uma criança feia. | estrutura pseudo-clivada invertida |
| h. Pariu uma criança feia *é/foi a índia tapanhumas. | estrutura pseudo-clivada reduzida |
| i. A índia tapanhumas que pariu uma criança feia. | estrutura clivada reduzida |

Não há unanimidade na análise formal de tais estruturas sintáticas. Para as pseudo-clivadas, há pelo menos duas análises da frase-q, uma que a toma por uma oração relativa livre e outra que a identifica com uma pergunta.

2.1 Relativas livres

KATO & RIBEIRO (no prelo, 9) concordam com um trabalho de A. Moro em que o autor sugere a derivação de pseudo-clivadas a partir de uma *oração pequena* (ingl. *small clause*)⁴. Nessa análise, a frase-q é interpretada como relativa livre e as duas formas resultariam de dois movimentos diferentes: no caso de pseudo-clivadas, haveria movimento para uma posição argumental (ingl. *A-movement*) da relativa livre, no caso de pseudo-clivadas invertidas haveria movimento do predicado para uma posição não-argumental (ingl. *A'-movement*), a saber, [Spec, FP], o especificador de uma frase funcional de foco (ingl. *focus phrase*) na periferia esquerda da oração, uma idéia original de LUIGI RIZZI (2001)⁵:

- (11) a. [_{oração pequena} [quem pariu uma criança feia][a índia tapanhumas]]
 b. [_{IP} é [_{oração pequena} [quem pariu uma criança feia][a índia tapanhumas]]]
 c. [_{IP} [quem pariu uma criança feia]_i é [_{oração pequena} v_i [a índia tapanhumas]]]
 d. [_{Frase focal} [a índia tapanhumas]_i [_{F'} é_j [_{IP} v_j [_{oração pequena} [quem pariu uma criança feia] v_i]]]]]

A análise com orações pequenas na base e frases focais na periferia da oração superficial é atraente também numa perspectiva funcionalista: orações pequenas podem ser consideradas proposições semânticas sem forma sintática completa. Na derivação, essa proposição recebe os traços de finitude nos primeiros passos em (11b, c), ou seja, na

construção de IP. Depois, essa oração é modificada ainda para cumprir as exigências da estrutura do discurso mediante um movimento para a frase focal, situada na periferia oracional dentro do domínio funcional da frase complementadora CP. A idéia de uma proposição completa (a oração pequena) que, na atuação lingüística, se adapta ao discurso⁶, integra-se muito bem na conceptualização da estrutura informacional defendida aqui (cf. cap. 1).

2.2 Complementadores focais

Para as clivadas, KATO & RIBEIRO (2005) propõem uma derivação mais complexa. Nessa teoria, o português brasileiro teria dois complementadores *que*_{+F} e *que*_{-F}, além de um complementador silencioso. Selecionando o complementador *que*_{-F} com um constituinte nominal que não tem traços de foco, resultaria uma oração subordinada normal. Combinando (ingl. *merge*) a oração básica com o complementador *que*_{+F} resultaria a clivada reduzida (10i, 12c), que poderia ser combinada ainda com a cópula e assim formar uma clivada canônica (10b, 12d):

- (12)a. [IP a índia tapanhumas pariu uma criança feia]
 b. [FP *que*_{+F} [IP [a índia tapanhumas]_{+F} pariu uma criança feia]] combinação *que*_{+F}
 c. [FP [a índia tapanhumas]_{+F, i} [F' *que*_{+F} [IP t_i pariu uma criança feia]]] movimento do constituinte focalizado para [Spec, FP]
 d. [IP é [FP [a índia tapanhumas]_{+F, i} [F' *que*_{+F} [IP t_i pariu uma criança feia]]]] combinação do verbo cópula

Nessa análise, a categoria foco teria uma expressão lexicalizada: a forma *que*_{+F} não funciona como complementador, mas como marca especializada de foco. Denominaremos essa forma *focalizador*.

Sabemos que há línguas no mundo que possuem morfologia especializada para foco. No wolof, uma língua do grupo Niger-Congo falada no Senegal, há um sistema bem diferenciado de formas morfológicas para essa função: existem formas para verbos (VFOC), sujeitos (SJFOC) e objetos (OBJFOC):

- (13)a. Peer lekk na.
 Peer comer PERF3SG
 Peer comeu.
 b. Peer dafa lekk.
 Peer VFOC comer
 O que Peer fez foi comer.

- c. Peer moo ko lekk d. Mburulaa lekk
Peer SJFOC3SG OBJPRO comer pão OBJFOC comer
Foi o Peer quem comeu. Foi pão o que eu comi.

(Rialland/Robert 2001, 895-896)

As autoras afirmam que a prosódia não codifica estrutura informacional nessa língua⁷:

- (14)[...] focus has no effect on rhythm either. The complete absence of intonational marking of focus, though foreseeable given the morphosyntax of the language, is nonetheless remarkable in a non-tone language and seems quite rare from a typological type of view. (Rialland/Robert 2001, 899)

Parece que em português também podemos analisar morfologia especializada para expressão de foco. Nessa língua, porém, ao contrário ao wolof, a prosódia organiza, sim, a estrutura informacional, como veremos mais adiante.

2.3 Perguntas e elipses

Há também propostas que derivam a sintaxe de clivadas da sintaxe de pseudo-clivadas⁸, e essa, por sua vez, de uma estrutura básica com duas orações: uma pergunta (P) e uma resposta (R). A parte “supérflua” da resposta, ou seja, a que já está presente na pergunta, é elidida na geração da estrutura superficial (ROSS ms., ROSS 2000), uma derivação elíptica:

- (15)[Quem pariu uma criança feia]_P é [a índia tapanhumas ~~pariu uma criança feia~~]_R.

Os argumentos centrais para essa proposta são (i) a existência de pseudo-clivadas não-elididas com verbos de ação (10f), (ii) em processos de deslocamento com construções pseudo-clivadas, pelo menos em inglês, os pronomes muitas vezes têm formas que referem em outras construções a constituintes sentenciais⁹:

- (16)a. A: [We promoted Maxine]_i. B: I didn't know that_i.
b. The one who we promoted is Maxine.
c. [The one who we promoted]_i, that _i/?it/*she is [~~we promoted~~ Maxine]_i. (Ross ms., 3)

Em português, porém, esse argumento não se pode manter. A construção com *isso*, forma análoga a *that*, é impossível, o pronome livre *ela* ou o dêitico feminino *essa*, uma forma que é especificada para referentes com o traço [+fem] e que por isso nunca se pode referir a sentenças, podem ocorrer em construções de deslocamento das frases-q de pseudo-clivadas¹⁰:

- (17)a. Quem pariu uma criança feia é a índia tapanhumas.
b. Quem pariu uma criança feia, *isso/essa/ela é a índia tapanhumas.

O terceiro argumento de Ross para a análise bi-sentencial envolve o processo de *sluicing* (ingl. \approx *açudar*), também se pode transpor só em parte para o português. Ross comenta processos de elipse em pares de pergunta-resposta, como em (18):

- (18)a. [I like to angle for something]_R – guess [what I like to angle for]_P
b. [I like to angle for killer whales]_R – that's what.

Em português, a tradução literal de (18b) é, no mínimo, estranha, talvez até agramatical:

- (19)a. [Eu gosto de pescar alguma coisa]_R – adivinha [o que eu gosto de pescar]
b. */? [Eu gosto de pescar orcas]_R – isso é o que.

Em minha opinião, os dados do inglês dizem mais sobre a natureza do pronome *that* nessa língua do que sobre a sintaxe de pseudo-clivadas. Porém, a análise de pseudo-clivadas como pares de pergunta-resposta não precisa de ser abandonada por isso. O processo de elipse, ou seja, a elisão do material fonético da cópia de uma estrutura adjacente, estrutura de forma econômica diálogos de língua falada, como é bem sabido:

- (20)A: Quem pariu uma criança feia? B: A índia tapanhumas ~~pariu uma criança feia.~~

Podemos considerar (20) uma construção pseudo-clivada falada por duas bocas e sem cópula. É na situação comunicativa mais comum que encontramos a base para pseudo-clivadas. Em uma perspectiva de análise conversacional, pseudo-clivadas têm a função elementar de *correção*: o falante quer corrigir uma suposição sobre o mundo que ele considera errada. Para esse fim, ele repete uma parte da informação dada em forma de pergunta, o *link* em nossa terminologia, e junta a resposta que ficará no foco da oração, já que se trata da parte da proposição que difere do conjunto das suposições sobre o mundo. Não importa que muitas vezes essa suposição não esteja manifesta em enunciados lingüísticos adjacentes: sabemos muito bem que a construção de sentido se baseia em muito mais do que só nas asserções lingüísticas atuais.

Essa análise prescinde de uma frase sintática especial para foco. O resultado em (15) é uma oração com verbo cópula “normal”, somente com sujeito e predicado sentenciais. O predicado é reduzido mediante o processo de elipse. A sintaxe, então, não marca a estrutura informacional.

3. Fonologia: acentuação, deacentuação e saliência perceptiva

3.1 Proeminência prosódica é que marca foco

O recurso lingüístico mais usado nas línguas para marcar a estrutura informacional é a modulação da entoação. Em geral, parece que há uma tendência geral e icônica de realizar as partes “mais importantes” de um enunciado em tons altos e as partes “menos importantes” em tons baixos. A partir dessa correspondência, as línguas podem gramaticalizar *categorias entoacionais*, possivelmente diferenciadas para diferentes tipos de foco.

A fonologia diferencia também pares mínimos na estrutura informacional de construções aparentemente iguais:

- (21) a. Foi a índia {tapaNHUmas}^{FOC} que pariu uma criança feia. (e não a índia pirahã)
b. Foi a índia tapanhumas que pariu uma criança {FEIa}^{FOC}. (e não a índia tapanhumas que pariu uma criança bonita)

Parece que a construção pseudo-clivada não determina a estrutura informacional de forma inequívoca: ambas as construções em (21) são pseudo-clivadas, mas o acento discursivo, realizado em sílabas especificadas pelo conhecimento fonológico do falante, marca focos diferentes. A técnica estrutural decisiva para marcar foco em português é a entoação.

3.2 Uma proposta explicativa: pseudo-clivagem para evitar acentos adjacentes

Há diferenças entre as línguas particulares na liberdade de realizar focos contrastivos mediante categorias entoacionais. Em línguas como alemão, por exemplo, é possível realizar acentos tonais em basicamente todas as palavras de uma oração, segundo as necessidades do discurso, sem mover nenhuma constituinte sintática, ou seja, essa língua tem acentuação

informativa *in situ*. A única restrição é que o acento tonal tem que se realizar na sílaba na qual recai o acento lexical:

(22) Drei Kölner Romanisten führen nach Brasilien. (Três romanistas coloneses foram para o Brasil)

- a. DREI¹¹ Kölner Romanisten führen nach Brasilien. (e não quatro)
- b. Drei KÖLner Romanisten führen nach Brasilien. (os de Frankfurt ficaram lá)
- c. Drei Kölner RomaNISTen führen nach Brasilien. (e não germanistas)
- d. Drei Kölner Romanisten führen nach BraSIlIen. (e não para Argentina)

Em português, espanhol e francês, realizações análogas não seriam agramaticais, mas um tanto estranhas. Nessas línguas, dá-se preferência a construções sintáticas que movem os constituintes para posições não-canônicas, nas quais eles recebem os acentos tonais relevantes. Assim, em português preferíamos a construção de enunciados semelhantes aos exemplos em (10) para realizar (23):

- (23)a. Foram TRÊS os romanistas coloneses que foram para o Brasil.
- b. Foram coloNEses os três romanistas que foram para o Brasil.
- c. Foram romaNISTas os três coloneses que foram para o Brasil.
- d. Foi para o BraSIL que os três romanistas coloneses foram.

Em alemão, é freqüente também a acentuação de palavras funcionais, às vezes inclusive clíticas, ou seja, palavras que carecem de acento lexical próprio¹²:

- (24)a. A: Was ist eigentlich mit den Frankfurter Romanisten? (E os romanistas de Frankfurt?)
- b. B: Ich weiß nicht, wann sie kommen. (Eu não sei quando eles vêm.)
- c. A: Ich will nicht wissen WANN sie kommen, sondern OB sie kommen. (cf. 26)

Em (24c), as duas conjunções receberam acentos tonais, contrastando assim a diferença semântica entre elas. A meu ver, em português, a realização análoga do enunciado em (24c) com acentos focais nas conjunções é possível, mas raramente empregada¹³:

(25) ? Eu não quero saber QUANdo eles vêm, mas SE eles vêm.

Para a realização da mesma estrutura informativa da proposição, a realização com uma estrutura pseudo-clivada me parece muito mais natural:

(26) O que eu quero saber não é QUANdo eles vêm, quero saber é SE eles vêm.

Em português, como em outras línguas românicas, parece que se prefere mover o elemento focalizado para uma posição que permita a atribuição de um acento prosódico.

À observação da maior liberdade para realização de acentos focais em alemão, há que acrescentar também a possibilidade nessa língua de não realizar um acento previsto pela fonologia lexical, técnica essa que serve em alemão e outras línguas para marcar *links* e que na literatura sobre fonologia entoacional é chamado de *deacentuação* (ingl. *deaccenting*). Na literatura especializada, discutem-se exemplos de repetição como o seguinte:

- (27) A. You need a pair of black shoes for the wedding. (Você precisa de um par de sapatos negros para o casamento)
B. I've already GOT a pair of black shoes. (Eu já tenho um par de sapatos negros)
(Cruttenden, apud Baumann 2005, 77, tradução UR)

Na resposta, o constituinte *a pair of black shoes*, que é um *link* na perspectiva aqui desenvolvida, não recebe os acentos previstos. D. ROBERT LADD (1996, 175-176), chama atenção para o fato que esse processo não é universal e que muitas línguas românicas, entre elas espanhol, romeno e italiano, “resistem” à deacentuação. Pelo menos para as variedades metropolitanas do português brasileiro se pode afirmar o mesmo: em enunciados análogos, pronunciam-se todos os acentos previstos pela fonologia lexical.

Para entendermos os fatos fonológicos em questão com mais precisão, é conveniente distinguir pelo menos quatro conceitos de *acento*. Partindo de uma proposta ternária de ANDREAS DUFTER (2003, 92), REICH (2005, 113) propõe os seguintes conceitos, que correspondem a conhecimentos lingüísticos diferentes, mas correlacionados na estruturação do enunciado:

(28) Quatro conceitos de *acento*:

- (i) acento lexical: conhecimento da forma fonológica de palavras;
- (ii) acento métrico: conhecimento de padrões rítmicos (*pés métricos*) usuais numa língua dada;
- (iii) acento frasal: conhecimento da estrutura informacional;
- (iv) acento fonético: conhecimento da realização fonética usual dos diferentes acentos numa língua dada (intensidade, frequência, duração, timbre);

Para nossa argumentação, interessam, sobretudo, os primeiros três¹⁴. Em português, assim como em espanhol e italiano, o acento lexical é uma herança do sistema acentual do latim que se baseava na quantidade silábica:

(29) Sistema de acentos lexicais do latim:

- (i). acentua uma penúltima pesada, se houver uma
- (ii). se não houver uma penúltima pesada, acentua a antepenúltima
- (iii). se não houver uma antepenúltima, acentua a primeira sílaba (Roca 1999, 659; trad. UR)

Como é bem sabido, na passagem do latim para as línguas românicas, perdeu-se a quantidade fonológica que caracterizava essa língua e, em consequência, esse sistema deixou de formar parte da gramática dessas línguas. No espanhol e no português, ao contrário do francês, a posição do acento foi mantida, mas passou do sistema gramatical ao léxico, ou seja, o acento hoje em dia faz parte da forma fonológica da palavra: não há nenhuma regra fonológica que explique a diferença acentual entre *lápiz* e *nariz*¹⁵. Falando metaforicamente, as palavras *nascem* com o acento nessas línguas.

Ritmo é necessariamente uma propriedade lingüística que se atribui num nível maior que a palavra, dado que ritmo consiste na repetição de figuras estruturadas no tempo. Essa figura estruturada consiste em pés métricos, ou seja, na alternância entre sílabas fortes e sílabas fracas que se repetem¹⁶. Se bem que analisamos pés dentro de palavras, seu principio estrutural tem que ser procurado em domínios maiores que palavras. Ritmo é uma propriedade pós-lexical. Em português brasileiro, o ritmo segue um padrão trocaico, ou seja, um pé binário que começa com a sílaba forte.

Finalmente, o conhecimento do discurso que decide sobre a estrutura informacional não faz parte da fonologia, mas sua expressão na estrutura informacional depende dela: a fonologia fornece as informações necessárias já esboçadas, ou seja, o conhecimento da sílaba que pode receber o acento frasal se o constituinte do qual ela faz parte estiver no foco do enunciado, assim como também o conhecimento das categorias entoacionais relevantes e sua implementação fonética.

Com isso, fica evidente que é necessário representar mais eventos prosódicos do que somente o núcleo da curva entonacional, se realmente queremos entender a realidade fonológica das línguas. Repetindo (22) na sua versão portuguesa, sublinho agora as sílabas fortes dos pés e escrevo as sílabas que carregam os acentos lexicais em negrito, as maiúsculas denotam como antes a sílaba que recebe o acento frasal¹⁷:

(30) Três colo**NE**ses foram **para** o **Brasil**.

Se compararmos (30) com um enunciado parecido em alemão, podemos observar que nessa língua se realizam menos acentos, devido às fortes reduções vocálicas em sílabas não-acentuadas e a pés ternários, ou seja, dactílicos¹⁸:

(31) a. Drei **Kö**lnerinnen fuhren nach **Brasilien**.

b. Drei **KÖL**nerinnen fuhren nach **Brasilien**. (Três colonesas foram para Brasilien)

Em alemão falado, a última sílaba de *Kölnnerinnen* é elidida, deixando só uma duração mais longa no consoante nasal da penúltima. Também o verbo *führen* se reduz a uma palavra monossilábica. Temos que correlacionar essa observação com o fato de, em alemão, normalmente, se deacentuarem os acentos rítmicos e lexicais após o acento tonal que codifica o foco, processo esse que não acontece em português ou espanhol. Esses fatos nos dão uma imagem mais clara do contexto fonológico diferente dos acentos discursivos nas línguas comparadas aqui: o português (brasileiro) e o espanhol realizam acentos métricos alternantes e, com isso, não reduzem núcleos silábicos não-acentuados. O alemão, pelo contrário, concentra picos de sonoridade na sílaba acentuada da frase entoacional e realiza menos acentos métricos. Eu queria chamar a atenção justamente para esse fato: no contexto fonológico, o acento em *Kölnnerinnen* fica mais *saliente* em alemão que em português. É aí que achamos uma possibilidade para uma explicação comunicativa das diferenças na realização da estrutura informacional. No plano da percepção lingüística, a marca do *foco* tem que ser saliente em comparação ao resto dos eventos acústicos. Em (30), há mais acentos rítmicos nos pés adjacentes e, assim, a saliência do acento discursivo é pior para a percepção

do que em (31). Uma técnica alternativa para destacar um constituinte na percepção pelo ouvinte consiste no movimento para posições periféricas. Construções clivadas ou pseudo-clivadas deixam os constituintes focalizados em posições periféricas e, assim, mais salientes.

Resumindo os fatos distintivos do alemão e das duas línguas iberoamericanas:

- (32)(i) Em todas as línguas aqui estudadas, o acento frasal é o evento lingüístico que marca a categoria informacional foco.
(ii) Além do acento frasal, há construções sintáticas que também promovem a saliência perceptiva do constituinte focalizado, a saber, estruturas clivadas e pseudo-clivadas.
(iii) Falantes do alemão *preferem* acentos *in situ*, mas *podem* construir também estruturas clivadas e pseudo-clivadas, enquanto construções (pseudo-)clivadas reduzidas são *agramaticais*.
(iv) Falantes do português, ao contrário, preferem construções (pseudo-)clivadas plenas e reduzidas, mas acentos *in situ* não são agramaticais.
(v) O português brasileiro e o espanhol têm frequências mais altas de acentos métricos e esse contexto fonológico reduz a saliência do acento frasal.

Minha sugestão para explicar a preferência de estruturas (pseudo-)clivadas em comparação à acentuação *in situ* em português brasileiro, então, consiste no princípio perceptivo de selecionar formas mais salientes sempre que for possível no sistema particular da língua em questão. Esse princípio pode ser formulado como uma regra:

(33) Se houver opções estruturais para marcar foco, selecione a que for mais saliente!

A regra em (33) não é suficiente porque ela ainda não dá conta dos fatos do alemão, dado que a opção de clivagem é *universalmente* mais saliente na percepção, mas em alemão, clivagem não é a opção preferida. Precisamos opor um outro princípio a (33) que exija a manutenção de estruturas básicas, sempre que a qualidade da percepção for suficiente boa para a percepção clara da estrutura semanto-pragmática:

(34) Mude as estruturas básicas somente se for necessário!

O funcionamento desses princípios fica evidente se considerarmos contextos que exigem o aumento da saliência também em alemão. Isso acontece, por exemplo, em contextos de correção conversacional forte:

- (35) A: Die Frankfurter Romanisten fahren nach Brasilien. (Os romanistas de Buxtehude foram para B.)
B: Nein, die KÖLner Romanisten fahren nach Brasilien. (Não, os romanistas de Colônia foram para B.)
A: Ach so, aus Bonn waren die. (Ah, tudo bem, eles eram de Bonn)

B: Himmel, es waren die KÖLner Romanisten, die nach Brasilien fuhren.

(Nossa senhora, foram os romanistas de Colonia que foram para B.)

No plano da atuação lingüística, há um parâmetro paralingüístico que podemos denominar *grau de insistência* ou *ênfase* e que seleciona opções estruturais segundo sua saliência perceptiva. Em português brasileiro, pode-se aumentar a ênfase do foco com opções estruturais “mais plenas”:

(36)a. Cê que fez!

b. Você que fez!

c. Foi você/*cê que fez!

d. Quem fez foi você!

e. Você/*cê foi o que fez isso!

O comportamento do pronome de sujeito nesses exemplos corrobora a recategorização da forma *que* em português brasileiro que passou da categoria *complementador* para a categoria *focalizador*: é somente em combinação com esse último que o pronome cliticizado (*vo*)*cê* pode receber o acento frasal (36a). Em todas as outras construções, que usam o complementador *que* e não o focalizador *que*, fica impossível usar a forma cliticizada, é a forma plena *você* que se tem que empregar. Isso pode ser interpretado como índice para a fusão do pronome com o focalizador *que* que dá suficiente substância fonológica à combinação para atribuir acentos oracionais.

Com a análise de diferentes opções estruturais, chegamos à discussão de opções estruturais em dependência direta de fatores discursivos. O discurso corresponde à atuação lingüística em situações comunicativas concretas e atuais. Esse é o nível lingüístico que determina a estrutura informacional na categoria binária {Link, Foco} e na categoria análoga {ênfase}. Na perspectiva dessa contribuição, as estruturas sintáticas e prosódicas emergem diretamente dessas categorias. No último parágrafo, proponho uma análise que visa sintetizar os achados das duas propostas gerativas e da comparação prosódica em uma teoria de gramática emergente.

4. Estruturas informacionais emergentes

Antes de entrar na discussão, acho pertinente recapitular o conceito de *gramática emergente* (HOPPER 1987, 1988). A essência dessa perspectiva teórica é a visão dinâmica do conceito de gramática: a estrutura lingüística não é dada, mas se vai construindo segundo determinações discursivas. O falante não segue às regras de uma gramática interna e acabada, mas renegocia continuamente segundo suas avaliações do discurso as estruturas basadas em suas experiências sistemáticas. A teoria de estrutura emergente foi originalmente concebida como alternativa às teorias de gramática *a priori*, assumida por exemplo na gramática gerativa. Na minha opinião, porém, emergência estrutural e gramática *a priori* são complementares e correspondem a diferentes camadas da gramática de um falante. Não podemos esquecer que muitas determinantes do discurso são dadas na ontologia humana e por isso não variam ou variam muito pouco: a estrutura semântica de eventos e os quadros valenciais correspondentes, assim como as categorias dêiticas de tempo e de espaço são extremamente recorrentes. Na arquitetura da gramática gerativa, essas dimensões lingüísticas se localizam nas estruturas frasais mais profundas, VP e IP. A camada que varia mais entre discursos particulares é justamente a estrutura informacional e essa se trata na CP, ou seja, na periferia de orações que as liga a estruturas superiores, como orações matrizes e a estrutura informacional. É aí que a gramática é emergente. Por isso, não acredito que as propostas aqui resumidas sejam contraditórias: cada uma delas ilumina partes diferentes da realidade lingüística.

4.1 *ser* focalizador

Na análise aqui defendida, pseudo-clivadas reduzidas (1a, 10h), pseudo-clivadas plenas e pares pergunta-resposta se situam num leque de opções estruturais formalmente relacionadas. Tais relações foram descritas na teoria de gramaticalização em uma perspectiva de derivação diacrônica. Podemos resumir rapidamente os processos constituintes como redução de substância fonológica e semântica e fixação sintática (LEHMANN 1985). As formas aqui discutidas estabelecem as mesmas relações: as estruturas pseudo-clivadas

realizam menos substância fonológica e semântica que os pares pergunta-resposta subjacentes. É evidente também que os predicados elípticos de pseudo-clivadas são menos autônomos que as orações plenas correspondentes. Na construção de pseudo-clivadas reduzidas, podemos observar os mesmos processos. A elisão da palavra-*q* reduz as substâncias fonológica e semântica dessa estrutura à forma do verbo *ser* que passa a ocupar uma posição fixa na fronteira esquerda do constituinte focalizado. Nessa realização, a forma não manifesta os traços de concordância do verbo cópula. Trata-se de uma forma que carrega somente a marca de foco, o focalizador *é*. Podemos resumir essas relações no seguinte esquema:

- (37) a. pergunta-resposta: [O que ela pariu]_P? [{Ela [pariu]}^{LINK} [{uma criança FEIa}]^{FOC}]_R
 b. inserção de cópula: [O que ela pariu]_{Sj} [foi [_{Pred} ela pariu uma criança FEIa]]
 c. elipse: [O que ela pariu]_{Sj} [foi [_{Pred} ~~ela pariu~~ uma criança FEIa]]
 d. elipse & redução [O que ela pariu]_{Sj} [é [_{Pred} ~~ela pariu~~ uma criança FEIa]]
 e. elisão da palavra-*q*: [~~O que~~ [_{Sj}ela [_{VP} pariu [_{Obj} [_{Foc} ~~ela pariu~~ uma criança FEIa]]]

Em (40a) teríamos ainda uma verdadeira pergunta e sua resposta relevante. Em (37b), seguramente rara em discursos naturais e neles provavelmente analisáveis como anacoluto, os dois componentes pragmáticos (pergunta/resposta) se integram em uma oração sintática mediante a inserção da cópula. (37c), a estrutura pseudo-clivada canônica, elide o que for idêntico à estrutura adjacente. Em (37d), o verbo cópula não realiza traços de concordância com o sujeito. É por isso que a análise oscila entre a representada aqui e a que apreciamos em (37e), estrutura na qual a forma *é* não é mais um verbo cópula, mas um marcador de foco morfológico numa oração simples. A cabeça da frase verbal dessa última estrutura seria *pariu*. O importante é que, nessa representação, as estruturas envolvidas não mostram necessariamente relações de derivação diacrônica ou gerativa. Os falantes selecionam entre essas opções estruturais segundo sua avaliação do discurso, ou seja, segundo sua avaliação da saliência necessária para realizar a estrutura informacional.

4.2 *que* focalizador

De forma análoga podemos entender a relação entre as formas clivadas e as formas intituladas “construções com *ser* focalizador” em Sedano (2003 a, b). As estruturas sintáticas diferem bastante:

- (38)a. clivada: [Ø [foi [{a índia tapaNHUmas}^{FOC} [que [{pariu uma criança feia}^{LINK}]]]]]
b. constr. com *ser* focalizador: [[{a índia tapaNHUmas } [que]_{SUBJFOC} [{pariu [uma criança feia]^{LINK}]]]

Se essa análise for correta, a frase *pariu uma criança feia* é o complemento do pronome relativo *que* em (41a), enquanto que em (41b) a mesma frase constitui a frase verbal de uma oração simples na qual a forma *que* é um marcador morfológico de foco, gramaticalizado da estrutura (38a).

5. Conclusões

Estou consciente que as propostas analíticas e explicativas desse artigo ainda precisam de mais evidência empírica, formalização da análise prosódica e mediação teórica entre os conceitos que retirei de tradições lingüísticas divergentes, ou inclusive opostas. Mas eu acredito que esse é justamente o caminho que leva para adiante. Para finalizar, gostaria de resumir em forma de lista as perspectivas teóricas que nortearam esse pequeno ensaio sobre estrutura informacional e sua realização formal no português falado no Brasil. Se alguma delas tiver ficado mais evidente, eu teria alcançado meu objetivo.

- (i) Prosódia não é posterior à formação sintática, como propõem muitos modelos sintáticos. Trata-se de uma interação ou sinergia. Possivelmente, teremos que tratar a prosódia *dentro* de uma teoria sintática.
- (ii) Explicações funcionalistas e análises gerativistas não se excluem, elas são complementares e argumentos funcionalistas podem ajudar a esclarecer análises formais.
- (iii) Gramaticalização não ocorre em trilhas universais, mas depende das constelações sistêmicas das línguas particulares.

Referências

- AKMAJIAN, A. On deriving cleft sentences from pseudoclefts. *Linguistic Inquiry* v. 1/2, 1970, 149-186.
- DRUBIG, H. B.; SCHAFFAR, W. Focus constructions. HASPELMATH, M.; KÖNIG, E.; OESTERREICHER, W.; RAIBLE, W. (ORG). *Language Typology and Language Universals. Sprachtypologie und sprachliche Universalien. La Typologie des Langues et les Universaux Linguistiques. Berlin / New York: Walter de Gruyter (= Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft; 20), 2001, 1079-1104.*
- DUFTER, A. *Typen sprachrhythmischer Konturbildung*. Tübingen: Niemeyer, 2003.
- HOPPER, P. Emergent grammar and the A Priori Grammar postulate. TANNEN, D. (ORG). *Linguistics in context: connecting observation and understanding*. Norwood: Ablex, 1988, 117-134.
- JACOB, D. (ms). *Differenz, Relevanz, Fokus und Skopus: zur Funktionsweise von Fokalisierungsoperatoren im Französischen und Spanischen*. Manuscrito inédito.
- KARTTUNEN, L. Discourse referents. MCCAWLEY, J. (ORG). *Syntax and Semantics 7: Notes from the linguistic underground*. New York: Academic Press, 1976, 363-384.
- KATO, M.; BRAGA, M.L.; CORREA, V.; ROSSI, M.; SIKANSI, N. As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. KOCH, I. (ORG). *Gramática do português falado, vol. 4: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, 303-368.
- KATO, M.; RIBEIRO, I.; Cleft sentences and WH-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis. Conferência apresentada no *35th Annual Linguistic Symposium on Romance Language*, no prelo, Austin - Texas.
- LADD, D. *Intonational Phonology*. Cambridge: CUP, 1996.

- LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile*, vol. 20/3, 1985, 303-318.
- LEHAMNN, S. *Pragmatics*, Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- REICH, U. Salsa y control. Funciones e historicidad de figuras prosódicas en español y portugués. KABATEK, J. (ORG) *Aspectos prosódicos de las lenguas iberorrománicas. Número especial de la Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, vol. 5/2, 2005, 109-136.
- RIALLAND, A.; ROBERT, S. The intonational system of Wolof. *Linguistics*, vol. 39/5, 2001, 893-939.
- ROCA, I. Stress in the Romance languages. HULST, H. (ORG) *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*, Berlin, New York: de Gruyter, 1999, 659-811.
- ROSS, H. The Frozenness of Pseudoclefts – Towards an Inequality-based Syntax. BOYLE, J.; OKRENT, A. *CLS 36: Papers from the Thirty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago: Chicago University Press, 2000, 385-426.
- ROSS, H. The architecture of emphasis. Manuscrito inédito.
- SEDANO, M. Seudohendidas y oraciones con verbo ser focalizador en dos corpus del español hablado de Caracas. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 1, 2003a, 175-204.
- SEDANO, M. Más sobre las seudohendidas y construcciones con verbo ser focalizador en el habla de Caracas. *Lengua, variación y contexto. Estudios dedicados a Humberto López Morales*, Madrid: Arco, 2003b, 823-847.

Notas

¹ Em espanhol venezuelano, parece que há estruturas análogas a (1a), mas não a (1b, c), cf. Sedano 2003a e 2003b.

² Cf. Lambrecht 1994, 213: "Focus: The semantic component of a pragmatically structured proposition whereby the assertion differs from the presupposition." Troquei o término "pressuposição" por "suposição" para evitar confusões com o conceito mais estrito de "pressuposição" na filosofia da linguagem e na semântica e pragmática formais, cf. p.ex. Levinson 1983, 169-226.

³ Indicarei o escopo do foco entre chaves, para evitar confusões com notações sintáticas, para as quais eu usarei os colchetes normais.

⁴ Na terminologia gerativa, orações pequenas são constituintes que já têm semântica proposicional, mas que carecem ainda das formas de flexão verbal que se consideram o nódulo essencial para a oração completa.

⁵ Mudei o exemplo de Kato & Ribeiro no prelo, 9-10, para harmonizar com os outros desse texto.

⁶ Podemos interpretar a idéia da FP nesse sentido: „We can think of the complementizer system as the interface between a propositional content (expressed by the IP) and the superordinate structure (a higher clause or, possibly, the articulation of discourse, if we consider a root clause)“, Rizzi 1997, 283.

⁷ As autoras, porém, analisam exclusivamente a frequência fundamental, sem prestar atenção a outras dimensões acústicas que possivelmente realizam acentos.

⁸ Essa é a idéia em Akmajian 1970, muito difundida em trabalhos gerativistas.

⁹ Os exemplos e o raciocínio são de Ross ms., 3-5, com algumas modificações por razões de limite de espaço.

¹⁰ É muito difícil obter avaliações nativas válidas sobre os fenômenos em questão, já que eles precisam de contextos muito marcados. As afirmações nesse texto são baseadas na minha própria intuição e avaliações de três falantes nativos. Experimentos controlados que possam levar a dados mais controlados estão em preparação.

¹¹ Para melhor legibilidade, escreverei as sílabas acentuadas com acento sentencial em maiúsculas sem especificar a categoria entoacional, onde não for necessário.

¹² Cf. também a discussão em Dufter 2003, 151-152, que chama atenção para o fato de, em alemão, podermos acentuar também preposições como *ins* na oração *Hans ging INS Kino*.

¹³ Estou consciente da deficiência de afirmações “introspectivas” sobre raridade empírica de construções. Experimentos especificamente desenhados para comprovar os fatos aqui discutidos estão em preparação.

¹⁴ Não são todas as línguas as que têm um acento lexical fixo: em francês ou grego, por exemplo, os acentos se atribuem a domínios prosódicos maiores, a saber, à *frase fonológica*. Esses acentos são *pós-lexicais*, no sentido que as formas fonológicas das palavras mesmas não têm acentos, eles se atribuem somente a palavras nos constituintes maiores os quais elas integram.

¹⁵ Em variedades populares do português, porém, tanto em Portugal quanto no Brasil, podem-se observar processos fonológicos que apontam para um novo sistema pós-lexical, cf. Reich 2005.

¹⁶ Cf. Dufter 2003, Reich 2005. A teoria mais difundida a respeito, a Fonologia Métrica, toma uma posição contrária e deriva acentos lexicais de pés métricos. A meu ver, essa teoria pode dar conta da evolução de acentos lexicais em algumas línguas, mas não da sincronia dos acentos lexicais e muito menos ainda do ritmo em línguas como espanhol ou português.

¹⁷ Note-se que essa representação não se pode aplicar sem problemas aos dialetos europeus do português, dado que eles mostram, como é bem sabido, fortes reduções e elisões vocálicas em

sílabas não-acentuadas. Para a diferença rítmica entre português brasileiro e europeu, cf. Reich 2002, Frota & Vigário 2001.

¹⁸ Mudei o meu exemplo *vale-para-tudo* um pouco para podermos apreciar a palavra polissilábica *Kölnerinnen*. Dado que o português europeu também mostra reduções vocálicas fortes, parece-me prometedora a pesquisa de diferenças entre dialetos americanos e europeus na realização da estrutura informacional na perspectiva aqui desenvolvida. Um projeto com experimentos empíricos está em preparação.